

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Gil Vicente

Auto da Barca do Inferno



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Gil Vicente

Auto da Barca do Inferno

Publicado originalmente em 1516.

Gil Vicente
(1465/1466 – 1536/1540)

“Projeto Livro Livre”

Livro 269



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Gil Vicente: *“Auto da Barca do Inferno”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Nasceu em 1465 ou 1466 ou morreu entre 1536 e 1540. Iniciou seu teatro a 7 de junho do 1502, ao entrar na câmara da Rainha D. Maria de Castela, que acabara de dar à luz o futuro D. João III. Declama em Espanhol o *Monólogo do Vaqueiro*, também chamado de *Auto da Visitação*. Como impressionasse vivamente, os monarcas lhe pedem que recite de novo a peça por ocasião do Natal. Em vez de o fazer, representa outra, o *Auto Pastoral Castelhana*. Confirmado o êxito, daí por diante leva o seu teatro, de feição absolutamente popular, até 1536, quando encena a *Floresta de Enganos*. Escreveu quarenta e seis peças, entre satíricas, místicas, medievais, renascentistas, comédias e farsas, das quais se destacam as seguintes: *Auto da Alma*, *Trilogia das Barcas*, *Farsa de Inês Pereira*, *Quem tem Farelos?*, *Juiz da Beira*, *Auto da Fé*, *Auto da Índia* e *Auto da Lusitânia*.

Seu teatro tem caráter popular e se utiliza de temas da Idade Média, como as narrativas de origem cavaleiresca, o lirismo das cantigas, os quadros religiosos medievais (mistérios e milagres) encenados em datas como Natal e Páscoa.

Vivendo em plena crise dos valores medievais, Gil Vicente é um autor que, apesar de humanista, ainda permanece mais voltado para a tradição do que para a modernidade.

Gil Vicente sempre foi extremamente crítico para com a sociedade do seu tempo, retratando-a com mordacidade e comicidade extremas, que não perdoavam nem a fidalguia, nem a plebe, nem a burguesia ou o clero, mesmo sendo um católico de profunda fé cristã, aspecto que também aparece em sua obra.

Observador atento de seu tempo, Gil Vicente construiu uma verdadeira galeria de personagens típicos da época. Em suas peças, são comuns as figuras do fidalgo decadente, da moça que deseja se casar, da alcoviteira (espécie de agenciadora de casamentos), do padre pouco interessado nas coisas espirituais etc. Gil Vicente evidencia em sua obra o preconceito existente contra os judeus, por exemplo, vistos com desconfiança por representarem a burguesia em ascensão. A obra vicentina é um reflexo da sociedade portuguesa dos princípios do século XVI, com suas classes sociais, seus vícios, seus costumes religiosos e suas atividades culturais.

Referências bibliográficas:

1. Massaud Moisés: A Literatura Portuguesa através dos textos, 22ª Edição. Editora Culturix. São Paulo, 1997.
2. Maria da Conceição Castro: Língua & Literatura. Editora Saraiva, 1ª edição. São Paulo, 1993.
3. João Domingos Maia: Língua, Literatura e Redação. Volume I, 6ª Edição. Editora Ática. São Paulo, 1992.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Auto de moralidade criado por Gil Vicente em dedicação à sereníssima e muito católica rainha Leonor, nossa senhora, e representado, por sua ordem, ao poderoso príncipe e muito alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra:

Primeiramente, no presente auto, pressupõem-se que, no momento em que acabamos de morrer, chegamos subitamente a um rio, o qual, por força, teremos de passar num dos dois batéis que estão atracados num porto. Um deles vai em direção ao paraíso e o outro para o inferno. Os tais batéis têm, cada um, os seus comandantes na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um comandante infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Pajem, que lhe segura um manto muito comprido com uma mão e uma cadeira de espaldas com a outra.

O comandante do Inferno começa o seu pregão mesmo antes do Fidalgo se aproximar.

DIABO

À barca, à barca, venham lá!

Que temos gentil maré!

– dirigindo-se ao companheiro –

Ora põe o barco à ré! *(vira a traseira do barco)*

COMPANHEIRO DO DIABO

Está feito, está feito!

DIABO

Bem feito está!

Vai agora, em má hora,

Esticar aquele palanco *(corda)*

E desocupar aquele banco,

Para a gente que virá.

– falando para o ar –

À barca, à barca, hu-u!

Depressinha, que se quer ir!

Oh, que tempo para partir,

Louvores a Belzebu!

– *dirigindo-se ao companheiro* –

Mas então! que fazes tu?

Limpa todo aquele leito! (*espaço entre o Mastro e a Popa do barco*)

COMPANHEIRO

Em boa hora! Feito, feito!

DIABO

Abaixa-me esse cu!

Liberta aquela poja (*corda com que se vira a vela*)

E afrouxa aquela driça. (*corda com que se levanta a vela*)

COMPANHEIRO

Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO

Oh, que caravela esta!

Põe bandeiras, que é festa.

Vela ao alto! Âncora a pique!

Ó poderoso Dom Henrique,

Cá vindes vós? Que coisa é essa?...

Aproxima-se o Fidalgo e, chegando ao barco infernal, diz:

FIDALGO

Esta barca para onde vai,

Que assim está apercebida? (*preparada*)

DIABO

Vai para a ilha perdida,

E há de partir daqui a nada.

FIDALGO

E para lá vai a senhora?

DIABO

Sou um senhor,

Ao vosso serviço.

FIDALGO

Parece-me isto um cortiço... *(uma embarcação reles)*

DIABO

Porque a vedes daí de fora.

FIDALGO

Pois sim, e por que terra passais?

DIABO

Para o inferno, senhor.

FIDALGO

Uma terra sem-sabor... *(sem piada nenhuma)*

DIABO

O quê?... Mas também disso zombais?

FIDALGO

E que passageiros achais
Para tal embarcação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição,
Para ir no nosso cais...

FIDALGO

Parece-te a ti assim!...

DIABO

Em que esperas ter guarida? *(salvação)*

FIDALGO

Que deixo na outra vida,
Quem reze sempre por mim.

DIABO

Quem reze sempre por ti?!...

Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
Tu que viveste a teu prazer,
Pensando cá guarnecer (salvares-te)
Por aqueles que lá rezam por ti?!...
Embarcai agora, embarcai!
Que haveis de ir nas traseiras
Mandai meter a cadeira,
Como também passou o vosso pai.

FIDALGO

O quê!? O quê!? O quê!?
É lá que ele está?!

DIABO

Vai ou vem! Embarcai depressa!
Pelo que em vida escolheste,
Assim cá vos contentais
E como pela morte passastes,
Tereis que passar o rio.

FIDALGO

Não há aqui outro navio?

DIABO

Não, senhor, que este preparaste,
E assim que expiraste (*morreste*)
Me deste logo sinal.

FIDALGO

E que sinal foi esse tal?

DIABO

De que vós vos contentastes. (*que estava condenado*)

FIDALGO

Para a outra barca me vou.

– *Já ao pé da outra barca* –

Oh da barca! Para onde és?

Oh, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Olá! Ó!...

– O Anjo ignora-o –

Por deus, aviado estou! (*perdido*)
Quanto a isto é já pior...
Que jericocins, salvaror! (*Mas que burro, com o devido respeito*)
Pensam que eu sou um grou? (*um corvo, ou uma ave que diz coisas sem sentido*)

ANJO

Que quereis?

FIDALGO

Que me digais,
Pois morri tão sem aviso,
Se a barca do Paraíso
É esta em que navegais.

ANJO

Esta é. Que desejais?

FIDALGO

Que me deixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
É bom que me recolhais.

ANJO

Não se embarca tirania,
Neste batel divinal.

FIDALGO

Não sei porque negais entrada
À minha senhoria...

ANJO

Para a vossa fantasia (vaidade)
Muito pequena é esta barca.

FIDALGO

Para senhor de bom nome,
Não há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio! (*a prancha e apetrechos para se subir para o barco*)
Levai-me desta ribeira!

ANJO

Não vindes cá a pensar
De entrar neste navio.
Aquele ali vai mais vazio.
Ali a cadeira entrará,
O rabo caberá
E todo vosso senhorio.
Ireis ali mais espaçoso,
Vossa fumosa senhoria, (*arrogante*)
A pensar na vossa tirania
Contra o pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
Desprezaste os pequenos,
Achar-vos-ei tanto menos
Quanto mais foste fumoso. (*arrogante*)

– *Grita o Diabo da sua barca* –

DIABO

À barca, à barca, senhores!
Oh! que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
E valentes remadores!

– *Diz a cantar:* –

"Vós me vireis à mão,
À mão me vireis."

FIDALGO

Para o Inferno, então!
O inferno será para mim?
Oh triste! Enquanto vivi
Não pensei que seria:
Pensei que era fantasia!

Pensava ser adorado,
Confiei no meu estado
E não vi que me perdia.
Venha essa prancha!
Veremos esta barca de tristura. (*tristeza*)

DIABO

Embarque vossa doçura,
Que cá nos entenderemos...
Tomareis um par de remos,
Veremos como remais,
E, chegando ao nosso cais,
Verá como bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperai-me vós aqui,
Voltarei à outra vida,
Para ver a minha dama querida,
Que se quer matar por mim.

DIABO

Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO

Isto bem certo o sei eu.

DIABO

Ó namorado sandeu, (*atraído, cornudo*)
O maior que já vi!...

FIDALGO

Como poderá isso ser,
Ela que me escrevia todos os dias?

DIABO

Quantas mentiras que lias!
E tu... doido de prazer!...

FIDALGO

Para que está a escarnecer,

Se não havia quem me quisesse mais bem?

DIABO

Assim deverias viver, amém,
Como ela te havia de querer!

FIDALGO

Isso quanto ao que eu conheço...

DIABO

Pois estando tu a morrer,
Estava ela a requebrar-se, *(a ter relações sexuais)*
Com outro de menos preço.

FIDALGO

Dá-me licença, te peço,
Que vá ver a minha mulher.

DIABO

E ela, se te voltar a ver,
Despenhar-se-á de um cabeça!
Tudo quanto ela hoje rezou,
Entre os seus gritos e gritas,
Foi a dar graças infinitas
A quem a desassombrou. *(a libertou)*

FIDALGO

Quanto ela bem chorou!

DIABO

E não há choro de alegria?

FIDALGO

E as lástimas que dizia?

DIABO

A sua mãe lhas ensinou...
Entraí, meu senhor, entraí:
Aqui está a prancha! Ponha o pé...

FIDALGO

Entremos, pois se assim é.

DIABO

Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai.
Que entretanto virá mais gente.

FIDALGO

Ó barca, como és ardente!
Maldito quem em ti vai!

– Diz o Diabo ao rapaz da cadeira: –

DIABO

Tu não entras cá! Vai-te daqui!
Essa cadeira está cá a mais!
Coisa que esteve na igreja
Não se há de embarcar aqui.
Aqui dar-lhe-ão outras de marfim,
Mais chicotadas de dores,
Dadas com tais labores,
Que ficará fora de si...

– Falando novamente para o ar –

À barca, à barca, boa gente,
Que queremos dar à vela!
É chegar a ela! É chegar a ela! (*Aproximai-vos, aproxima-vos*)
Muitos e de boa mente!
Oh! que barca tão valente!

Aparece um Onzeneiro, e pergunta ao barqueiro do Inferno, dizendo:

ONZENEIRO

Para onde navegais?

DIABO

Oh! Em que má hora chegais,
Onzeneiro, meu parente!
Porque tardastes vós tanto?

ONZENEIRO

Mais ainda eu quisera tardar...
Na safra do apanhar, *(Na tarefa de ganhar dinheiro)*
Deu-me Saturno o quebranto. *(a morte)*

DIABO

Ora muito me espanto por ver
Não vos salvar o dinheiro!...

ONZENEIRO

Nem para o barqueiro
Me deixaram ficar com algo...

DIABO

Ora então entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO

Não hei eu de aí embarcar!

DIABO

Oh! Que gentil reçar,
E que divertido para mim!...

ONZENEIRO

Ainda agora faleci!
Deixa-me escolher um batel!

DIABO

Oh São Pimentel!
Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO

E para onde é a viagem?

DIABO

É para onde tu hás de ir.

ONZENEIRO

E vamos já partir?

DIABO

Não penses em mais linguagem. *(Deixa-te de mais conversas)*

ONZENEIRO

Mas para onde é a passagem?

DIABO

Para a infernal comarca.

ONZENEIRO

Dix! Não vou eu em tal barca. *(uma interjeição de espanto)*

Aquela outra tem vantagem *(melhor aspeto)*

Dirige-se à barca do Anjo, e diz:

ONZENEIRO

Oh da barca! Olá! Ó!

Haveis já de partir?

ANJO

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu, para o Paraíso vou.

ANJO

Pois quanto a mim, muito fora estou (não contes comigo)

De te levar para lá

Aquela outra barca te aceitará;

Ali vai quem enganou!

ONZENEIRO

Porquê?

ANJO

Porque esse bolsão

Ocuparia todo o navio.

ONZENEIRO

Juro a Deus que vai vazio!

ANJO

Não no teu coração.

ONZENEIRO

Lá me ficou de roldão (*perdida*)
A minha fazenda e alheia (*riqueza*)

ANJO

Ó onzena, como és feia (*ozena = usura, avareza*)
E filha da maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO

Oh da barca! Oh Demo barqueiro!
Sabeis vós no que me fundo? (*penso*)
Quero lá voltar ao mundo
E trazer o meu dinheiro.
Aquele outro marinheiro,
Porque me viu vir sem nada,
Deu-me tanta borregada, (insultos)
Como os barqueiros lá do Barreiro.

DIABO

Entra, entra! E remarás!
Não percamos mais a maré!

ONZENEIRO

Todavia...

DIABO

Por força assim é!
Como fizeste, cá entrarás!
Irás servir Satanás,
Porque sempre ele te ajudou.

ONZENEIRO

Oh triste de mim...

Quem me cegou?

DIABO

Cala-te que depois chorarás.

Ao entrar o Onzeneiro no batel, encontra o Fidalgo embarcado e diz tirando o barrete:

ONZENEIRO

Santa Joana de Valdês!

Também está cá vossa senhoria?

FIDALGO

Dê ao demo a cortesia!

DIABO

Que ouvi? Falai vós em ser cortês!

Vós, fidalgo, que penseis?

Que estais na vossa pousada?

Dar-vos-ei tanta pancada

Como a um remo que renegueis!

Vem Joane, o Parvo, e diz ao barqueiro do Inferno:

PARVO

Oh desta!

DIABO

Quem é?

PARVO

Eu sou.

É esta a nossa naviarra?

DIABO

De quem?

PARVO

Dos tolos.

DIABO

Ah! Vossa. Entra!

PARVO

De pulo ou de voo?

Oh! Pelo pesar do meu avô! (*dor, choro*)

Resumindo: Vim a adoecer

E em má hora fui morrer,

E nela, para mim só. (*E numa altura em que estava só*)

DIABO

E de que morreste?

PARVO

De quê?

Acho que de caganeira.

DIABO

De quê!?

PARVO

De caga merdeira!

Que má rabugem que te dê! (*um insulto*)

DIABO

Entra! Põe aqui o pé!

PARVO

Ó pá! Que não tombe o zambuco! (*a barçaça.*)

DIABO

Entra, tolo eunuco,

Que nos vai embora a maré!

PARVO

Aguardai, aguardai um pouco!

E aonde havemos nós de ir ter?

DIABO

Ao porto de Lucifer.

PARVO

Ha-a-a...?

DIABO

Ao Inferno! Entra cá!

PARVO

Ao Inferno?... Espera lá....

Ui! Ui! É a Barca do cornudo!!!

Pêro de Vinagre! Beiçudo,

Lenhador de Alverca, uh, uh!

SAPATEIRO da Candosa!

Entrecosto de carrapato!

Ui! Ui! Caga no sapato,

Filho de uma grande aleivosa! (*prostituta*)

A tua mulher é tinhosa

E há de parir um sapo,

Achatado num guardanapo!

Neto de uma cagosa!

Ladrão de cebolas! Ui! Ui!

Excomungado das igrejas!

Burrelas, cornudo sejas!

Toma o pão que te caiu!

A mulher que te fugiu,

Para Ilha da Madeira!

Cornudo até à mangueira,

Toma o pão que te caiu!

Uh! Uh! Lanço-te uma pulha! (um manguito)

Toma, toma! Pica naquela!

Hump! Hump! Caga na vela!

Cabeça de grulha!

Perna de cigarra velha,

Caganita de coelha,

Pelourinho da Pampulha!

Mija na agulha, mija na agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo diz:

PARVO

Oh da barca!

ANJO

Que me queres?

PARVO

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

PARVO

Talvez alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;
Porque em todas os teus afazeres,
Por malícia não erraste.
Da tua simpleza te bastastes,
Para gozar dos prazeres.
Espera no entanto aí,
Veremos se vem mais alguém,
Merecedor de tal bem,
Que deva entrar aqui.

Vem Sapateiro com o seu avental e carregado de formas de sapatos. Chega ao batel infernal, e diz:

SAPATEIRO

Ó da barca!

DIABO

Quem vem aí?
Oh! Santo sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!...

SAPATEIRO

Mandaram-me vir assim...
E para onde é a viagem?

DIABO

Para o lago dos danados.

SAPATEIRO

E os que morrem confessados,
Onde têm a sua passagem?

DIABO

Não digas tais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO

Renegaria eu da festa,
E da puta dessa barcagem!
Como poderá isso ser,
Sendo eu confessado e comungado?!...

DIABO

Tu morreste excomungado!
Mesmo sem o saberes.
O que esperavas depois de viver,
Fazendo dois mil engano...
Tu roubaste em trinta anos,
O povo com a tua mestria. *(com o teu oficio)*
Embarca, esta barca é para ti,
Que há já muito que te espero!

SAPATEIRO

Pois digo-te que não quero!

DIABO

Mas hás de ir, sim, sim!

SAPATEIRO

Quantas missas eu ouvi...
Não me hão elas de agora prestar? *(valer)*

DIABO

Ouvir missa, depois roubar...
É caminho para aqui.

SAPATEIRO

E as ofertas que servirão? *(as esmolas)*

E as horas dos finados? *(as rezas e os velórios que se faziam quando alguém estava a morrer para essa pessoa ir para o céu)*

DIABO

E os dinheiros mal cobrados,

Que foi da tua satisfação?

SAPATEIRO

Oh! Não brinques oh cordovão! *(mentiroso)*

Nem à puta da badana, *(da velha, ou seja, da tua mãe ou da tua avó)*

Se é esta traquitana

Para ir o João Antão!

Ora juro a Deus que mete graça!

Dirige-se à barca do Anjo, e diz:

SAPATEIRO

Oh da santa caravela!

Poderás levar-me nela?

ANJO

A tua carga te embaraça.

SAPATEIRO

Não há caridade que Deus me faça?

Isto em qualquer lugar irá?

ANJO

Aquela barca que ali está

Leva quem rouba de praça. *(descaradamente)*

Oh almas embaraçadas! *(desavergonhadas)*

SAPATEIRO

Ora muito eu me maravilho, *(me espanto)*

Por terdes por grão peguilho, *(por incómodo)*

Quatro forminhas cagadas,

Que podem bem ir aí aconchegadas

Aí num cantinho dessa barca!

ANJO

Se tivesses vivido direito,
Elas eram cá escusadas.

SAPATEIRO

Então determinais,
Que eu vá cozer ao Inferno?

ANJO

Escrito estás no caderno
Das ementas infernais.

O sapateiro volta à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO

Oh barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha prancha logo
E levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

Vem um Frade com uma rapariga pela mão, um escudo e uma espada na outra e um capacete debaixo do capuz. E ele mesmo fazendo uma vénia, começa a dançar, cantando:

FRADE

Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;
ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:
tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO

Que é isso, padre?! Quem vem lá?

FRADE

Deo gratias! Sou cortesão.

DIABO

Sabes também o tordião?

FRADE

Pois então! Ora, se não sei!

DIABO

Pois entrai! Eu tocarei
E faremos um serão. *(uma festa)*
Essa dama, é vossa?

FRADE

Por minha, eu a tenho,
E sempre a tive como minha.

DIABO

Fizestes bem, que é formosa!
Mas não vos punham lá grossa *(censuravam)*
No vosso convento santo?

FRADE

Eles lá fazem outro tanto!

DIABO

Que coisa tão preciosa...
Entrai, padre reverendo!

FRADE

E para onde levais a gente?

DIABO

Para aquele fogo ardente,
Que não temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito, de nada vale? *(as veste religiosas)*

DIABO

Gentil padre mundanal,
A Belzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,
Que eu não posso entender isto!
Hei de eu ser condenado?!...
Um padre tão enamorado
E tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
Que eu estou muito admirado!

DIABO

Não penses em mais detença. (*demora*)
Embarcai e partiremos:
Tomareis um par de ramos.

FRADE

Não ficou isso em avença. (*em acordo*)

DIABO

Pois dada está já a sentença!

FRADE

Por Deus! Essa é que era ela!
Não vai em tal caravela
A minha senhora Florença.
Como assim? Só por ser namorado,
E folgar com uma mulher,
Há de um frade de se perder,
Com tanto salmo rezado?!...

DIABO

Ora estás bem aviado!

FRADE

Direi eu, bem corrigido!

DIABO

Devoto padre marido,
Haveis de cá pingado... (*haveis cá lugar guardado*)

O Frade descobre a cabeça, tirando o capuz, apareceu-lhe o capacete, e diz o Frade:

FRADE

Mantenha Deus esta coroa!

DIABO

Ó padre Frei Capacete!
Isso mais parece um barrete...

FRADE

Sabeis é da ordem!
A espada é roloa (*ordinária*)
E este escudo rolão (*reles*)

DIABO

Dê Vossa Reverencia lição
De esgrima, que é coisa boa!

Começou o frade a dar lição de esgrima com a espada e o escudo e diz desta maneira:

FRADE

Deo gratias! Damos caçada!
Para sempre, contra uns!
Um fendente!, ora pois!

Esta é a primeira levada. (*o primeiro ataque*)
Alto! Levantai a espada!
Uma estocada, e um revés!
E depressa recolher os pés,
Que todo o cuidado é pouco!
Quando o recolher se tarda
O ferir não é prudente.
Ora, então! Muito depressa,
Cortai na segunda guarda!
Guarde-me Deus da espingarda
E do homem ousado.
Aqui estou tão bem guardado
Como uma palha na albarda. (*a sela dos cavalos*)
Fico com meia espada...
Óh lá! Protegei as queixadas! (*as caras*)

DIABO

Oh que valentes levadas! (*ataques*)

FRADE

Isto ainda não é nada...
Damos outra vez caçada!
Contra uns mais um fendente,
E, cortando com destreza,
Eis aqui a sexto feitada. (*golpe*)
Daqui saio com uma guia (*reviravolta*)
E um revés da primeira:
Esta é o quinta verdadeira.
Oh! Quantos assim eu feria!...
Um padre que tal aprendia,
No Inferno há de ter pingos?!... (*lugar*)
Ah! Não se preza a São Domingos
Com tanta descortesia!

– Voltou a tomar a rapariga pela mão, dizendo: –

Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram os dois a dançar até o batel do Anjo desta maneira:

FRADE

Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.
Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
Para minha reverência?
E a senhora Florença
Também entrará cá!

PARVO

Andor daqui para fora!
Roubaste o trinchão, frade? (*pedaço de carne*)

FRADE

Senhora, dá-me a vontade (*quer-me parecer*)
Que este feito mal está.
Vamos para onde havemos de ir!
Não se praza Deus com a ribeira!
E não vejo aqui maneira
Senão, enfim, ... concludir. (*de aceitar as coisas têm de ser*)

DIABO

Haveis, padre, de vir.

FRADE

Agasalhai-me lá a Florença,
E cumpra-se essa sentença.
Apressemo-nos a partir.

Assim que o Frade foi embarcado, veio uma Alcoviteira, de nome Brízida Vaz, a qual, chegando à barca infernal, diz desta maneira:

BRÍZIDA

Ó da barca, ó lá!

DIABO

Quem chama?

BRÍZIDA

BrízidaVaz.

DIABO

– *dirigindo-se ao companheiro* –
Mas o que espera ela, rapaz?
Porque não entra ela já?

Companheiro

Diz que não há de entrar cá
Sem a Joana de Valdês.

DIABO

Entraí vós e remai.

BRÍZIDA

Eu não quero aí entrar.

DIABO

Que saboroso recear!

BRÍZIDA

Não é essa barca que eu cato. (*procuro*)

DIABO

Não trazes vós muitos fatos?

BRÍZIDA

O que me convém levar.

DIABO

E o que tens para embarcar?

BRÍZIDA

Seiscentos virgos postiços
E três arcas de feitiços
Que não podem mais levar.
Três armários de mentir,
E cinco cofres de enleios. (*seduções*)
E alguns furtos alheios,
Como joias de vestir,
Guarda-roupa de encobrir,
Enfim... – casa movediça;
E um estrado de cortiça
Com dois coxins de cobrir. (*almofadas*)
A maior carga era,
Essas moças que vendia.
Dessa mercadoria,
Trago eu muita boa fé!

DIABO

Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA

Ui! E vou é para o Paraíso!

DIABO

E quem te disse a ti isso?

BRÍZIDA

Hei de lá ir nessa maré!
Eu sou uma mártir tal!...
Açoites tenho levado,
E tormentos suportado,
Que ninguém me foi igual.
Se eu fosse para o fogo infernal,
Lá iria todo o mundo!
À outra barca, lá ao fundo,
Me vou, que é mais real. *(relativo à realeza)*

– *Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo: –*

BRÍZIDA

Barqueiro, mano dos meus olhos,
Deita a prancha a Brízida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA

Peço-o de joelhos!
Pensais que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou aquela preciosa
Que dava as moças aos molhos, *(em grandes quantidades)*
A que criava as meninas
Para os cónegos da Sé... *(padres e bispos)*
Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas, *(margaridas, malmequeres)*
Olho de perlinha fina! *(pérola)*
Eu sou apostolada,
Angelada e maritizada
E fiz coisas muito divinas.
Santa Úrsula não converteu
Tantas raparigas como eu!

Todas salvas pelo meu (*por mim*)
E nenhuma se perdeu.
E graças "Àquele do Céu"
Que todas acharam dono.
Pensais que dormia sono?
Nem ponto se me perdeu! (*Nada me escapou à atenção*)

ANJO

Ora, vai além embarcar,
Ali não estarás a importunar.

BRÍZIDA

Pois estou-vos eu contar
O porque me haveis de levar.

ANJO

Não penses em importunar,
Que não podes vir aqui.

BRÍZIDA

E que má hora eu servi,
Pois não me há de aproveitar!...

– *Volta Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo: –*

Ó barqueiros da má hora,
Venha a prancha, pois aqui me vou.
Já há muito que aqui estou,
E pareço mal estar cá fora.

DIABO

Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida;
Se vivestes santa vida,
Vós o sentireis agora...

Assim que Brízida Vaz embarcou, veio um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

JUDEU

Quem aí vai? Ó marinheiro!

DIABO

Oh! Em que má hora vieste!...

JUDEU

De quem é esta barca que preste?

DIABO

Esta barca é do barqueiro.

JUDEU

Passai-me que vos pago em dinheiro.

DIABO

E o bode há cá vir?

JUDEU

Pois também o bode há de ir.

DIABO

Que escusado passageiro!

JUDEU

Sem bode, como passarei?

DIABO

Eu não passo cabrões.

JUDEU

Eis aqui quatro tostões,
E mais vos pagarei.
Pela vida do Semifará
Peço-vos me passeis o cabrão!
Quereis mais outro tostão?

DIABO

Nem tu nem ele hão de vir cá.

JUDEU

Porque não irá o judeu
Onde vai Brízida Vaz?
E o senhor meirinho consente?
Ó senhor meirinho, não irei eu?

DIABO

E o fidalgo, que lhe importa...

JUDEU

Não manda ele este batel?
CORREGEDOR, coronel,
Castigai este sandeu! (*toló*)
Azará, pedra miúda, (*desgraçado*)
Lodo, charco, fogo, lenha,
Caganeira que te venha!
Má *corrença* que te acuda! (*diarreia*)
Por Deus, que te sacuda
Com a beca nos focinhos!
Fazes gozo dos meirinhos?
Diz, filho da cornuda!

PARVO

Roubaste a cabra, cabrão?
Parece-me vós, a mim,
Um gafanhoto de Almeirim
Chacinado num seirão. (morto numa festa)

DIABO

Judeu, ali te passarão,
Porque vão mais despejados. (*mais vazios, referindo-se à barca do paraíso*)

PARVO

Ele mijou nos finados (*nos mortos*)
Na igreja de São Gião!
E comia a carne da panela
No dia de Nosso Senhor!
Goza com o salvador,
E mija na caravela!

DIABO

Vamos, vamos! Demos à vela!
E vós, Judeu, ireis à toa,
Que sois muito ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

Vem um Corregedor, carregado de manuscritos, e, chegando à barca do Inferno,
com sua vara na mão, diz:

CORREGEDOR

Ó da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Oh amante de perdiz,
Que gentil carga trazeis!

CORREGEDOR

Pela minha aparência perceberéis
Que não é ela do meu jeito. *(que não costumo levar carga)*

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes autos, o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos,
O que diz aí nesse papel...

CORREGEDOR

E onde vai o batel?

DIABO

No Inferno vos poremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos,
Há de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,
Embarcai, e remaremos!
Ora, entrai, já que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não! *(Não isso está prescrito nas leis)*

DIABO

Ita, Ita! Dai cá a mão! *(sim, sim, em latim)*
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nascestes
Para ser nosso companheiro.

– *dirigindo-se ao companheiro diabrete* –

Que fazes tu, barzoneiro? *(preguiçoso)*
Estende essa prancha. Prestes! *(despacha-te)*

CORREGEDOR

Oh! Renego da viagem
E de quem me há de levar!
Há aqui meirinho do mar? *(Juiz ou magistrado)*

DIABO

Não há tal costumagem. *(costume)*

CORREGEDOR

Não entendo esta barcagem,
Nem hoc nom potest esse. *(E isso não pode ser.)*

DIABO

Ora se vos parecesse, *(se vós pensais)*
Que não sei mais dessa linguagem...
Entraí, entraí, corregedor!

CORREGEDOR

Oh! Videtis qui petatis (*Vede que pedis*)
Super jure magestatis (*algo acima do direito de majestade*)
Tem o vosso mando vigor?

DIABO

Quando éreis ouvidor
Nonne accepistis rapina? (*não aceitaste suborno?*)
Pois ireis agora à bolina (*à vela*)
Onde a nossa pessoa for...
Oh! E que isca é esse papel
Para um fogo que eu cá sei!

CORREGEDOR

Domine, memento mei! (*Senhor, (Deus) lembrai-vos de mim*)

DIABO

Non es tempus, bacharel! (*Não há tempo, bacharel*)
Imbarquemini in batel (*embarcai no batel*)
Quia Judicastis malitia. (que a justiça é maldita)

CORREGEDOR

Sempre ego justitia fecit. (*Eu sempre agi com justiça*)

DIABO

E as peitas dos judeus (*peitas = peitos das aves; subornos*)
Que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava. (*não era comigo*)
Eram lá percalços seus.
Nom som peccatus meus, (*não são meus pecados*)
Peccavit uxor mea. (*quem pecou foi a minha esposa*)

DIABO

Et vobis quoque cum ea, (*E vós também com ela*)
A Deus não temeste.
E de grande modo enriqueceste
Sanguinis laboratorum, (*com o sangue dos que trabalham*)

Ignorantis peccatorum. *(Pecaste, ignorando-os)*
Ut quid eos non audistis? *(E porque não os atendeste?)*

CORREGEDOR

Vós, barqueiros, nonne legistis *(não lestes)*
Que o dinheiro quebra os penedos? *(as montanhas)*
E que os direitos ficam quedos, *(parados; suspensos)*
Sed aliquid tradidistis... (Se algo é dado em troca...)

DIABO

Ora entrai, nestes negros fados!
Ireis para ao lago dos cães
E vereis os escritvães
Como estão tão prosperados. *(ricos)*

CORREGEDOR

E na terra dos danados
Estão os Evangelistas?

DIABO

Os mestres das burlas vistas
Estão lá bem fragoados. *(martelados – como era o metal na forja)*

Estando o Corregedor nesta conversa com o Arrais infernal chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

CORREGEDOR

Ó senhor Procurador!

PROCURADOR

Beijo-vos as mãos, Juiz!
Que diz este barqueiro? Que diz?

DIABO

Que sereis bom remador.
Entrai, bacharel doutor,
E ireis a dar à bomba.

PROCURADOR

Este barqueiro zomba...

Gostais de ser gozador?
Essa gente que aí está,
Para onde a levais?

DIABO

Para as penas infernais.

PROCURADOR

Dix! Eu é que não vou para lá! *(uma interjeição de espanto)*
Outro navio ali está,
Muito melhor assombrado. *(de melhor aspecto)*

DIABO

Ora estás bem aviado!
Entra, em muito má hora!

CORREGEDOR

Confessastes-vos, doutor?

PROCURADOR

Bacharel sou. Não tive tempo!
Não pensei que era preciso,
Nem de morte a minha dor.
E vós, senhor Corregedor?

CORREGEDOR

Eu muito bem me confessei,
Mas tudo quanto roubei
Encobri ao confessor...

PROCURADOR

...Porque, se o não tornais, (devolveres)
Não vos querem absolver,
E é muito mau devolver
Depois que o apanhais. (de ter roubado)

DIABO

Pois porque não embarcais?

PROCURADOR

Quia speramus in Deo. *(Porque esperamos por Deus)*

DIABO

Imbarquemini in barco meo... *(Embarcai no meu barco)*
Para quê esperais mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

CORREGEDOR

Ó barqueiro dos gloriosos,
Passai-nos neste batel!

ANJO

Oh! Pragas para papel,
E para as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR

Oh! habeatis clemência *(tende clemência)*
E passai-nos como vossos!

PARVO

Ó, homens dos breviário, *(livros)*
Rapinastis coelhorum *(vós rapinaste coelho)*
Et pernis perdigotorum *(e pernas de perdiz)*
Para além de mijar nos campanários!

CORREGEDOR

Oh! Não nos sejais contrários, *(não seja mau, ou não nos complique mais a situação)*
Pois não temos outra ponte!

PARVO

Beleguinis ubi sunt? *(onde estão os carcereiros)*
Ego latinus macairos! *(o meu latim é macarrónico/maravilhoso!)*

ANJO

A justiça divinal
Manda-vos vir carregados

Porque têm de ser embarcados
Naquele batel infernal.

CORREGEDOR

Oh! Não atende São Marçal!
Com a ribeira, nem com o rio!
Penso que é desvario
Fazer-nos tamanho mal!

PROCURADOR

Que ribeira é esta tal!

PARVO

Pareces-me vós a mim
Como um cagado nebri,
Mandado no Sardoal.
Embarquetis in zambuquis! (*embarcai na má barça - tradução provável*)

CORREGEDOR

Venha a negra prancha para cá!
Vamos ver esse segredo.

PROCURADOR

Diz um texto do Degredo...

DIABO

Entraí, que cá se dirá!

E assim que os dois entraram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor para a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR

Oh! Em má hora vos vejo,
Senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA

Já nem aqui estou em paz,
Pois nem aqui me deixais.
Cada hora a mim sentenciada:
“Foi justiça que vós mandastes fazer....”

CORREGEDOR

E vós... volta a tecer
E a urdir outra meada.

BRÍZIDA

Diz ó, juiz da alçada:
Vem lá o Pêro de Lisboa?
Levá-lo-emos à toa
E irá também nesta barcada.

*Vem um homem que morreu Enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados,
diz o barqueiro ao que chega:*

DIABO

Vamos embora, enforcado!
Que diz lá o Garcia Moniz?

ENFORCADO

Eu te direi que ele diz:
Que fui bem-aventurado
Em morrer dependurado (*pendurado*)
Como o tordo na buiz, (*armadilha*)
E diz que os feitos que eu fiz
Me fazem canonizado. (*me fazem santo*)

DIABO

Entra cá, e governarás (*guiarás o barco*)
Até às portas do Inferno.

ENFORCADO

Não é essa a nau que eu quero.

DIABO

Digo-te eu que aqui irás.

ENFORCADO

Oh! Isso não, por Barrabás!
Então se Garcia Moniz dizia
Que os que morrem como eu

Ficam livres de Satanás...
E disse que Deus quisera
De ser eu enforcado;
E que fosse Deus louvado
Pois em boa hora eu nascera;
E que o Senhor me escolhera;
E que por bem vi os beleguins. *(pelo seu bem, foi levado aos oficiais da justiça)*
E com isto mil latins,
Muito lindos, feitos de cera.
E, no passo derradeiro,
Disse-me nos meus ouvidos
Que o lugar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro;
Nem guardião do mosteiro
Tinha tão santa gente
Como o Afonso Valente
Que é agora carcereiro.

DIABO

Dava-te consolação isso,
Ou algum esforço?

ENFORCADO

Aquele com a corda ao pescoço,
De muito pouco serve a pregação...
E apenas leva a devoção
De que há de voltar a jantar...
Mas quem há de estar no ar *(há de ser pendurado pela forca)*
Aborrece-se com o sermão.

DIABO

Entra, entra no batel,
Que ao Inferno hás de ir!

ENFORCADO

O Moniz esteve a mentir?
Disse-me que com São Miguel
Eu jantaria pão e mel
Assim que fosse enforcado.
Ora, eu já passei o meu fado,

E já feito é o burel. *(e já passei o que tinha a passar)*

Agora não sei o que é isto:

Ele não me falou ele em ribeira,

Nem em barqueiro, nem em barqueira,

Apenas no Paraíso.

Isto muito no seu juízo.

E que era santo o meu barço... *(era abençoada a minha corda)*

Eu não sei que aqui faço:

Que é desta glória improviso? *(que espécie de glória é esta?)*

DIABO

Falou-te no Purgatório?

ENFORCADO

Disse que era o Limoeiro, *(que o purgatório era a prisão)*

E com ele o saltéiro *(o livro de salmos)*

E o pregão vitatório; *(o discurso que se dizia antes de se enforcar alguém)*

E que era muito notório

Que aqueles disciplinados *(aqueles castigos)*

Eram horas dos finados *(eram bênçãos para os condenados)*

E missas de São Gregório.

DIABO

Quero-te desenganar:

Se o que tivesses aceiteado,

Certo era que te salvavas.

Mas não o quiseste aceitar...

– *Diz o Diabo para todos os que estão dentro do seu barco* –

Alto! Todos a alevantar,

Que está em seco o batel!

Alevante-se, Frei Babriel!

Ajudai ali a apanhar!

Vêm Quatro Cavaleiros a cantar, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrescentamento de Sua santa fé católica morreram a lutar contra os mouros. Absoltos a culpa e pena como privilégio que os que assim morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os

Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assim cantavam é a seguinte:

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais
Pela vida transitória,
Memória, por Deus, memória (*lembrai-vos, por Deus, lembrai-vos*)
Deste temeroso cais!

À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Cuidado, pecadores, que,
Depois da sepultura,
Neste rio está a ventura (*o destino*)
De prazeres ou de dores!

À barca, à barca, senhores,
Barca muito nobrecida, (*nobre*)
À barca, à barca da vida!

E passando à frente da proa do batel dos danados, assim a cantar, com suas espadas e escudos, disse o barqueiro da perdição desta maneira:

DIABO

Cavaleiros, vós passais
E não perguntais para onde ireis?

1º CAVALEIRO

Vós, Satanás, que presumis?
Cuidado com quem falais!

2º CAVALEIRO

Vós que nos querereis?
Vejo que não nos conhece bem:

Nós morremos nas Partes d'Além,
E não queirais saber mais.

DIABO

Entrai cá! Que coisa é essa?
Que eu não consigo entender isso!

CAVALEIROS

Quem morre por Jesus Cristo
Não vai em tal barca como essa!

Voltam a prosseguir, cantando, no seu caminho direitos à barca da Glória, e, assim que chegam, diz o Anjo:

ANJO

Ó cavaleiros de Deus,
Por vós estou a esperar,
Que morrestes a lutar
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
Mártires da Santa Igreja,
Que quem morre em tal peleja (*luta*)
Merece a paz eternal.

E assim embarcam.